

“E SE FOSSEM NOSSOS FILHOS?”: REAÇÕES E INTERPELAÇÕES DE MÃES ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DIANTE DO DOCUMENTÁRIO “NÃO GOSTO DOS MENINOS”.

Edwany Caroline B. A. F. de Oliveira

Faculdade Brasileira – UNIVIX

edwany.c@gmail.com

José Raimundo Rodrigues

Faculdade Brasileira – UNIVIX

jrrzenga@yahoo.com.br

1 Caracterização do grupo pesquisado

O grupo pesquisado é constituído por 70 pessoas, com idades entre 18 e 50 anos, estudantes dos 1º e 2º períodos do curso de Pedagogia em uma faculdade particular de Vitória – ES. Há no grupo apenas um estudante do sexo masculino. Destaque-se que uma das alunas é deficiente visual, convivendo com retinose pigmentar desde a infância. Os participantes são moradores da grande Vitória, exceto uma estudante que é de Domingos Martins, e oriundos de famílias de renda mensal de 1 a 3 salários mínimos. Grande parte do grupo declara-se como filhos de pais e mães que cursaram apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental. Somente 23 pessoas concluíram o Ensino Médio nos últimos 3 anos, demonstrando também que o retorno ao estudo ocorre após longa pausa, sofrendo as consequências desse período de distanciamento, particularmente, em relação ao ato de ler e escrever.

Atualmente, a maioria do grupo concilia trabalho diurno com o estudo noturno, exercendo atividades laborais diversas. A aproximação das motivações apresentadas com a informação acerca do trabalho aponta para uma tendência de ascensão social via curso superior, bem como, sugere, em alguns relatos, a formalização de algumas atividades já próximas ao ambiente escolar infantil.

2 “Não gosto dos meninos: histórias que deveríamos ter visto antes”

O documentário escolhido para exibição e debate com o grupo pesquisado insere-se na linha da campanha internacional “It Gets Better” produzida pela Pixar com objetivo de combater o bullying homofóbico (LLISTÓ, 2011). A versão brasileira reuniu 40 homossexuais que através de depoimentos narram suas histórias de discriminação e superação. André Matarazzo, publicitário responsável pela obra juntamente com Gustavo Ferri, em entrevista declarou:

"Queríamos juntar essas pessoas que têm vidas diferentes e colocá-las frente às câmeras para relatarem o que passaram e como atravessaram esse período mais difícil, até chegarem ao ponto atual de total aceitação e de muita felicidade com a vida" (LLISTÓ, 2011).

Ao longo dos 18 minutos, passam pela tela, oscilando de 1 a 3 vezes, homens e mulheres que se declaram homossexuais. O fundo escuro ajuda a compreender que o foco do filme encontra-se na pessoa que ali fala, declara-se, expõe-se. Os depoentes encontram-se assentados confortavelmente em uma poltrona e a câmera os contempla ora no rosto, ora da cintura para cima.

O documentário explicita como cada um dos participantes experimentou o descobrir da orientação homossexual, como vivenciaram situações de preconceito, principalmente no ambiente escolar, e a forma como conquistaram um espaço de diálogo com os familiares, de modo especial os pais, para comunicarem seus desejos e práticas homossexuais.

As declarações do início e do fim do filme revelam uma unidade do conteúdo apresentado. A edição das imagens permite a sensação de se ter visto e ouvido um único depoimento. O ser homossexual é o que une cada um dos participantes, conferindo ao vídeo uma identidade de grande depoente.

3 A aplicação da dinâmica GV/GO para o debate: sua justificativa, metodologia e limitações

A dinâmica GV (Grupo de Verbalização) e GO (Grupo de Observação) foi escolhida por proporcionar o envolvimento de todos os estudantes dos dois períodos que se queria pesquisar. Tal dinâmica caracteriza-se por uma divisão da turma em dois grupos. Desejava-se

ouvir, prioritariamente, as mães estudantes de pedagogia, permitindo-lhes verbalizar acerca do documentário. Portanto, a dinâmica permitiria isso, além de envolver o restante da turma na tarefa de observação.

Após a exibição do documentário as mães, em número de 22, posicionaram-se ao centro da sala, formando um círculo, constituindo o GV. Ao longo das paredes da sala os demais formaram o GO. As regras da dinâmica foram explicadas: o GV discutiria o filme através da orientação de um dos pesquisadores; o GO ficaria em silêncio observando o debate, atendo tanto às falas como as outras coisas ditas implicitamente pelo GV; em outro momento o GO comentaria suas observações enquanto o GV ficaria em silêncio e, por fim, os dois grupos fariam a memória do debate respondendo por escrito a três questões.

4 Reações e interpelações das mães estudantes de Pedagogia (GV)

O debate do Grupo de Verbalização assumiu imediatamente, sem que houvesse uma indicação explícita, a reflexão acerca de suas posições caso os participantes do filme fossem seus filhos. Inicialmente disseram que experimentaram medo ao assistir o filme por sentirem seus próprios preconceitos; o quanto idealizam em relação aos seus filhos e temem que eles sejam homossexuais. O temor das mães era justificado, quase sempre, pelo fato de saberem o quanto a sociedade é preconceituosa e não desejarem nenhum tipo de sofrimento aos seus filhos.

Para algumas mães foi a oportunidade de ouvir o “outro lado”, dando voz a quem nem sempre tem oportunidades de se expor. Reconheciam a coragem dos participantes de se exporem, vendo nisso um avanço na luta contra os preconceitos e uma forma de fazer com que uma pessoa heterossexual se sentisse na condição do homossexual, recordando que o olhar do outro transpassa a vida do homossexual, exigindo dele comportamentos aparentes com a única finalidade de satisfazer a uma determinada definição de sexualidade. Debateu-se que o assumir a sexualidade passa por essa esfera do olhar alheio que cria sobre o outro uma série de expectativas, idealizações, projeções e nem sempre o aceita como realmente é. “Desconhecer a realidade do outro permite um excesso de julgamentos injustos e preconceituosos”.

Recordaram que a mídia aponta claramente para uma mudança da sociedade em relação à diversidade sexual e que um profissional da educação precisa atualizar-se quanto a essas temáticas. Outras ponderaram que, apesar da constante popularização da temática pela mídia e pela luta do “politicamente correto” não concordavam que de um momento para o outro se começasse certa ditadura em que todos devem achar “bonito” ser gay. Teme-se, portanto, uma inversão dos preconceitos, como se passasse a ser natural e normal apenas o ser gay e os heterossexuais passassem a ser discriminados. Para uma das participantes o que reforça o preconceito em relação aos homossexuais é o fato de que eles mesmos se discriminam a si mesmos e têm preconceitos sobre sua própria condição. Outra falou do seu incômodo diante da indumentária de alguns homossexuais e travestis, sentindo-se inojada.

A questão da aceitação do homossexual era evidente para o grupo, mas sua concretização, de acordo com o debate, passava por posturas de verdadeira acolhida a outras de mera tolerância. Uma das mães mencionou que não tinha preconceitos, mas não aceitaria “saídas do armário” após um casamento. Outra mencionava que – e era acompanhada por muitos sinais de concordância das colegas – “quando se tem um filho espera-se a continuidade da família biológica e se idealiza para ele aquilo que como mãe ou pai se viveu, ou seja, a orientação heterossexual”. Era consenso do grupo que carregavam valores trazidos de suas famílias e que o fato de um filho assumir-se homossexual entraria em choque com praticamente todos, abriria um debate no interior da pessoa e da família, trazendo incômodo.

Durante o debate várias experiências pessoais das mães foram narradas. Destacando-se o fato de que em algumas de suas famílias aceita-se o homossexual, mas não lhe permitem namorar em casa; que sabem de relatos de homens héteros, casados, que assumiram a homossexualidade e não se entende como o outro virou homossexual. Questionou-se que muitos males podem ser causados quando um homem casado assume sua homossexualidade, gerando transtornos e drásticas mudanças na vida da sua ex-mulher, seus filhos e outros familiares, os constrangimentos sociais experimentados por todos. “Aceito que seja gay, mas não aceito que cause danos na vida de outros!”. Uma das mães relatou que a filha, ainda pequena, a questionou sobre porque duas pessoas do mesmo sexo estavam se beijando. Diante da espontaneidade infantil a mãe não soube como explicar a mudança social que vai ficando cada dia mais próxima de todos.

Uma participante fez uma síntese do processo de assumir-se: “Num primeiro momento há um conflito e o homossexual se questiona ‘como sou?’ e defronta-se com ‘o que esperam que eu

seja?"; num segundo momento começa-se a se aceitar e isso é uma decisão complexa; num terceiro momento vive-se o dilema e o medo de contar aos outros, de ser agredido, de ser punido por Deus."

A análise do GV apontou que os participantes do documentário demonstravam temor de serem rejeitados pelos pais em função da orientação sexual, mas quando se assumiram descobriram um amor incondicional dos familiares. Para além de uma idealização desse amor familiar, as participantes ponderaram que, embora o "amor não tenha sexo", o processo de aceitação familiar pode passar por etapas, não sendo tão rápido como sugerido no vídeo. Assim, concordavam que certo temor da reação da família é justificado. Lembrou-se que temia-se mais os pais que as mães, talvez em função da proximidade que os filhos homossexuais costumam ter com a figura materna. Todas concordavam que conhecer-se a si mesmo e aceitar-se era condição inicial para poder assumir-se junto da família. Foi bem acolhida a seguinte fala: "Quando um familiar assume a homossexualidade é a família toda que precisa, junto com ele, também assumir a homossexualidade, pois o que diz respeito a ele passa a tocar a todos".

No filme aparecia a expressão "os pais sempre sabem!". Diante dela as mães afirmaram que, por vezes, há uma omissão dos pais que não querem perceber a real "opção" sexual do filho. Sabe-se que o filho é gay, mas não se fala, não se verbaliza, não se discute, ou seja, trata-se o filho como se fosse hétero, nega-se a sua identidade. O foco da discussão concentrou-se nessa relação e foram dados exemplos de posturas infantis que seriam indicativas de possível homossexualidade, permitindo aos pais identificar a "opção" dos filhos: preferência por jogos do sexo oposto; maior socialização com o sexo oposto; alguma criança já tem "jeitinho" de gay e quando chegam à adolescência como querem experimentar tudo acabam assumindo a homossexualidade.

Cientes da mudança da sociedade e de que a escola experimenta imediatamente tal transformação, foi unânime que pedagogas e professoras precisam ficar atentas às manifestações da diversidade sexual para bem orientar os educandos. Se no filme os participantes reclamaram da postura omissiva da escola diante da homossexualidade e, dependendo do caso, conivente com a homofobia, espera-se do profissional uma postura ativa que não aceite preconceitos e saiba auxiliar na resolução de possíveis conflitos que surjam no ambiente escolar. O filme, segundo uma das mães, "é um alerta para os pedagogos abandonarem os preconceitos, os próprios costumes e valores e terem uma posição que

favoreça a aceitação do outro”. Outra disse: “Quando se coloca o dedo na ferida é preciso vencer muitos preconceitos”.

Foi perceptível a dificuldade em se pensar como passar tal tipo de informação sobre sexualidade para as crianças por considerarem a ambiguidade da postura familiar, ora extremamente moralista, ora laxista, inclusive porque as famílias poderiam reclamar de se tratar tal assunto na escola. Como também se teme comunicar aos pais sinais de homossexualidade numa criança por temer conflitos e incompreensões. A dicotomia teoria x prática foi recordada como desafio a ser vencido para se alcançar uma educação transformadora.

Perguntaram-se, como mães e futuras pedagogas, sobre a melhor forma de explicar sobre a homossexualidade na escola quando a criança já tem referências homossexuais dentro da própria casa? Para algumas é inadmissível a possibilidade de adoção por homossexuais por considerarem imprescindível a figura materna e paterna na educação de uma criança. Porém, uma participante recordou-se de pesquisa recente em que se afirma que filhos de pais gays não necessariamente assumirão homossexualidade, pois não há diferenças significativas entre filhos de héteros e filhos de homossexuais.

5 As reações das participantes do GO e suas implicações no debate do GV

Quando se passou a palavra para o Grupo de Observação uma série de elementos contibuíram para uma melhor compreensão do debate assistido.

Causou surpresa ao GO o constante uso de eufemismos termos chulos para se referir aos homossexuais: “aqueles”; “esses aí” (acompanhado do gesto de desmunhecar); “viadinho”; “boiola”; bicha”; “bichinha”; “homossexualismo”. Toda essa linguagem pejorativa utilizada pelas mães soou, para além do preconceito, como sinais de agressividade implícita na interpretação do filme.

Ficou evidente que todas as mães carregavam inúmeros preconceitos em relação aos homossexuais. Isso foi interpretado como consequência natural de se fazer parte de uma sociedade heteronormativa que considera a homossexualidade como um erro ou falha no caráter. Ademais se vive numa sociedade com profundas marcas religiosas. Num prazo relativamente pequeno passou-se da hegemonia católica para uma diversidade religiosa, com

infinitas derivações evangélicas. Concluiu-se que parte dos preconceitos das mães tem sua origem na base religiosa que receberam, pois, praticamente todas as denominações cristãs consideram a homossexualidade abominável. Uma observadora afirmou: “Onde tem religião há preconceito!”.

Questionou-se de onde vem o preconceito, pois se teme também uma tendência de se punir a pessoa por ter agido com preconceito, quando na realidade ela o herdou da sociedade, não o tendo gerado pessoalmente. Segundo os observadores, o preconceito pode manifestar-se de forma velada, pois “diz-se aceitar a homossexualidade, mas teme-se que aconteça com o próprio filho”.

Junto ao preconceito foi percebido o medo. Recordou-se que “cada um tem seu medo!” e que é necessário assumir essa condição para, posteriormente, busca superá-la. Negar o medo é negar nossa realidade momentânea, nossos mecanismos de defesa. O fato das mães revelarem seus medos relaciona-se diretamente com o temor de violência contra os homossexuais. Essa associação entre violência e homossexualidade aponta para a questão da homofobia presente na sociedade, mas pode estar também ligada a certo pensamento de que a homossexualidade é algo errado que precisa ser corrigido, pois algumas mães disseram que “fariam algo para reverter a situação”.

Para o GO, a discussão foi marcada por excessiva preocupação com o genital e não com o humano, pois o que conta na vida de uma pessoa é se ela se sente feliz com a vivência de sua sexualidade e não se ela se adequa ao que esperam dela. Isso se confirmava pelo temor de que carícias entre homossexuais criassem transtornos diante dos filhos adotivos ou biológicos. Uma observadora recordou que “o espaço familiar é marcado por regras: o que pode ser dito, o que pode ser visto. E isso também seria respeitado por um casal homossexual diante de seus filhos”.

Algumas perguntas sobre a origem da homossexualidade foram colocadas pelo GO a partir do que observaram do debate do GV: “A homossexualidade seria determinada biologicamente?”; “O verbo extraviar usado por algumas mães indicaria determinismo biológico?”; “Teria influências do ambiente familiar e social?”; “Poderia ser determinada por alguns comportamentos dos pais, como por exemplo, uma mãe que grávida deseja uma menina e quando nasce o menino o cria como se fosse do outro sexo?”; “A homossexualidade seria “opção” ou “orientação”?”. Questionou-se também o porquê da excessiva menção aos meninos

e pouca referência às meninas. “Haveria, uma tendência de maior número de homossexuais do sexo masculino?”; “Amar significa concordar? Ou amar significa assumir junto com o outro suas lutas?”.

Considerações finais

Acerca do filme cumpre dizer que, “Não gosto de meninos” foi avaliado pelos pesquisados como excelente material didático para se começar um debate sobre a temática diversidade sexual, educação e direitos humanos, pois trabalha a questão da sexualidade de forma realista, sem estereótipos, sem folclorizações da homossexualidade. Também o fato de ser um documentário de curta duração favorece para seu uso em ambiente escolar.

Tanto as mães como os demais pesquisados revelam interesse em aprofundar a reflexão por reconhecerem que há muitos preconceitos, questões e dúvidas. Isso aponta para uma necessária capacitação de todos acerca da sexualidade e como também no ambiente universitário o tratar desse assunto explicita temores, preconceitos, angústias, experiências. O fato dos estudantes demonstrarem essas dificuldades nos períodos iniciais deve ser compreendido como oportuna motivação para se sanar as lacunas demonstradas.

As dúvidas apresentadas por todos revelam grande influência do senso comum e pouco conhecimento específico sobre a questão da diversidade sexual. Embora se trate do assunto com aparente facilidade, percebeu-se como a linguagem utilizada ainda precisa ser burilada para corresponder ao que se espera hoje do profissional. Não se trata de uma “linguagem politicamente correta”, mas sim de pela linguagem se expressar a justa compreensão sobre determinados termos.

Algumas posições pessoais de fundamentação religiosa viram-se confrontadas com uma necessária crítica. Acredita-se que os anos seguintes no curso de Pedagogia poderão, pouco a pouco, contribuir para que os estudantes avancem na superação dos preconceitos e saibam discernir que no exercício profissional não poderão evocar fundamentos religiosos para suas ações, pois em muitas situações a religião e também a ciência contribuíram para reforçar a homofobia (FILHO; TOLEDO; GODINHO, 2007).

A recorrente compreensão da homossexualidade como opção ou preferência, presente em algumas falas, demonstra adesão ao pensamento de que se trata de uma escolha exclusivamente consciente. A valorização da diversidade sexual na formação do educador,

por parte dos pesquisados, mostra o conhecimento de que a escola é um espaço de heteronormatividade, conforme pesquisas o tem indicado (DULAC, 2009).

Sob a perspectiva da Filosofia da Educação, a pesquisa realizada mostra como a prática educacional é caracterizada por uma série de pressupostos e conhecê-los permite ao profissional escolher a pedagogia que norteará sua prática (LUCKESI, 2011). Além disso, evidenciou-se que a prática reflexiva colabora para uma revisão da visão de mundo presente nos futuros pedagogos e auxilia na elaboração de práticas condizentes com o momento histórico, com compromisso político consciente e afinado com a transformação da sociedade, incluindo a escola como privilegiado espaço de socialização e respeito às diferenças.

O fato de pensarem nos próprios filhos interfere na prática pedagógica, contudo, é preciso recordar que se evite uma excessiva associação entre o ser pedagoga/professora e o ser mãe, pois, facilmente, se utiliza dessa associação com o intuito de propiciar bom desenvolvimento dos aspectos emocionais, descuidando a função básica do professor que não é suprir lugares familiares, mas sim ensinar (GUZZONI, 1995; ARANHA, 2006). As demais estudantes, em sua maioria, também alimentam o sonho de ser mãe e, de alguma forma, as suas reações e interpelações é caracterizada por essa forma de posicionar-se no mundo.

“E se fossem nossos filhos?”. Acolheríamos com amor. “E se não fossem nossos filhos”. Acolheríamos com o mesmo amor, pois o que interpela nossos afetos não é o mero fator biológico, mas sim o posicionar-se diante do outro, reconhecendo nele legítimo ser de direitos, merecedor de respeito, autêntico sujeito que comigo se dispõe a construir uma história realmente humana que passa além do simples apreender e reproduzir conhecimentos.

Referência bibliográfica:

ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da educação**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

DULAC, E. B. F. **Sexualidade e educação**: uma análise de questões levantadas por professores/as de um curso voltado à educação para a diversidade. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2009.

FILHO, F. S. T; TOLEDO, L. G.; GODINHO, P. H. A homofobia nas representações de mães heterossexuais sobre a homoparentalidade. In: GROSSI, M.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. (Sexualidade, gênero e sociedade, Homossexualidade e cultura)

GUZZONI, M. A. **A autoridade na relação educativa**. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

JOCA, A. M. **Diversidade sexual na escola**: um “problema” posto à mesa. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2008.

LLISTÓ, P. **Curta “Não gosto dos meninos” traz histórias de gays contra o preconceito**. Disponível em: <http://acapa.virgula.uol.com.br/cultura/curta-nao-gosto-dos-meninos-traz-historias-de-gays-contra-o-preconceito/3/9/13253>. Acesso em: 10 de junho de 2012.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANT’ANNA, I. M; MENEGOLLA, M. **Didática**: aprender a ensinar. São Paulo: Loyola, 1989.

SANTOS, F. **Há 21 anos, homossexualismo deixou de ser considerado doença pela OMS**. Disponível em: <http://saude.terra.com.br/ha-21-anos-homossexualismo-deixou-de-ser-considerado-doenca-pela-oms,0bb88c3d10f27310VgnCLD100000bbc>.

Documentário:

NÃO GOSTO DOS MENINOS: histórias que deveríamos ter visto antes. Produção de André Matarazzo e Gustavo Ferri. São Paulo: Gringo + Mirada, 2011. DVD.